
O conceito de dispositivo inserido no campo da comunicação¹

Mateus Calcagnotto Andrioli²

Liráucio Girardi Júnior³

Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

RESUMO:

Em 1975, Michel Foucault lança sua obra "Vigiar e Punir", na qual desloca sua atenção da Arqueologia do Saber para a Genealogia do Poder. A partir dessas circunstâncias, Foucault desenvolve o conceito de dispositivo, analisando sua presença em instituições disciplinares e sua influência na construção de "corpos dóceis". O termo "dispositivo" passa a ganhar destaque nas análises de relações entre conhecimento e poder, sendo posteriormente reinterpretado por Agamben e Deleuze. O artigo investiga a utilização do conceito na comunicação a partir das publicações encontradas nos Anais da Compós nos últimos 10 anos e emprega, como método, a análise de conteúdo para identificar categorias como Epistemologia, Discurso, Corpo e Memória, em sua associação ao conceito.

PALAVRAS-CHAVE: Dispositivo; Foucault; Análise do campo comunicacional

Sobre o conceito de dispositivo

Judith Revel (2011), grande estudiosa de Foucault e autora de diversas obras sobre o seu pensamento, sugere que termo dispositivo teria ocupado o lugar de outro termo foucaultiano: "episteme". Para entender um pouco melhor o motivo da substituição. Precisamos dividir a trajetória intelectual de Foucault em 3 fases, das quais só a primeira e a segunda nos interessarão nessa pesquisa, ou seja, aquelas que envolvem as relações entre saber, poder e subjetivação.

A primeira fase está centrada na arqueologia do saber que se estende dos anos 1960 a 1969. Nessa fase, Foucault publicará três livros muito importantes: "A história da loucura", de 1961, "As palavras e as coisas", de 1966, e "Arqueologia do saber", de 1969. Como os títulos dos livros indicam, é claro o seu interesse em entender a ligação entre enunciados, nomes e formas, palavras e coisas.

¹ Trabalho apresentado na IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de graduação 4º Semestre do curso de jornalismo da Faculdade Cásper Líbero – email: matcaland@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Prof. Dr. Liráucio Girardi Jr. Faculdade Cásper Líbero e PGC0M?USCS – email: lira.sociologia@gmail.com

Ainda na primeira fase, no final dos anos 60, Foucault publica o livro “Arqueologia do saber” onde expõe seu método que, logo após a publicação do livro, será reavaliado.

De 1969 a 75, Foucault não publica nada. Estamos em maio de 1968 na França. O clima no mundo é de tensão, momento em que os EUA estão em guerra no Vietnã, Martin Luther King é assassinado e está acontecendo a Primavera de Praga.

O chamado “maio de 1968” tem os estudantes franceses como protagonistas. De modo geral, entre os principais temas de contestação universitária, destacam-se: a recusa do caráter classicista da universidade, a denúncia da falsa neutralidade e da falsa objetividade do saber; a denúncia da parcialização e tecnocratização do saber; a contestação dos cursos *ex cathedra*; a denúncia dos professores conservadores; o questionamento do lugar que, na divisão capitalista do trabalho, os diplomados irão ocupar na sociedade e a denúncia da escassez de possibilidade de empregos qualificados (Thiollent, 2012, p.70)

O eixo de suas reflexões passou das palavras para o corpo e essa é a segunda fase de suas reflexões sobre as relações entre saber e poder. Trata-se do nascimento das disciplinas, “o momento em que nasce uma arte do corpo humano” (FOUCAULT, 2020, p.135)., o momento em que suas análises procuram acessar “o espaço estriado pelo rumor dos saberes filosoficamente anônimos” (CHIGNOLA, 2014, p.7).

Retomando nossa reflexão inicial, é assim que se dá a passagem das preocupações com a “episteme” (a relação entre as palavras e as coisas) para a identificação dos “dispositivos” (a relação entre os corpos e as coisas).

Como já foi observado, o conceito aparece formalmente, pela primeira vez, em 1975, em seu livro “Vigiar e Punir”. O termo, entretanto, já vinha sendo desenvolvido durante as aulas e cursos dados na universidade entre 1969 – 1975, pós-crise de 68. Em 1977, Foucault dá uma entrevista conhecida como “Le Jeu de Michel Foucault” e é nela que o filósofo tem que responder diretamente à pergunta “Qual é o sentido e a função metodológica desse termo: dispositivo?” (FOUCAULT, 2022, p.364). A isso o filósofo responde:

Por este termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são

os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 2022, p.364)

Nesta parte da entrevista fica evidente que a categoria “dispositivo” chega para substituir de vez a categoria “episteme”, pois dispositivo envolve o “dito” e o “não dito”, o discursivo e o não discursivo. Foucault segue sua linha de raciocínio:

Em segundo lugar, gostaria de demarcar a natureza da relação que pode existir entre esses elementos heterogêneos. Sendo assim, tal discurso pode aparecer como programa de uma instituição ou, ao contrário, como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda; pode ainda funcionar como reinterpretação dessa prática, dando-lhe acesso a um novo campo de racionalidade. Em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes (FOUCAULT, 2022, p.364)

Foucault define a interação entre os elementos ditos discursivos ou não como um jogo. A relação pode ser entendida como uma alternância organizada onde ora os dispositivos discursivos se destacam, ora os não discursivos assumem o palco, fazendo com que os “indivíduos” sejam atravessados por todos eles. Foucault ainda nos apresenta um terceiro lado dos dispositivos:

Em terceiro lugar, entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante. Esse foi o caso, por exemplo, da absorção de uma massa de população flutuante que uma economia de tipo essencialmente mercantilista achava incômoda: existe aí um imperativo estratégico funcionando como matriz de um dispositivo, que pouco a pouco tornou-se o dispositivo de controle-dominância da loucura, da doença mental, da neurose. (FOUCAULT, 2022, p.365)

Em relação à urgência, revela sua paixão pela genealogia dos processos históricos. A sua pergunta, entretanto, não é “o que somos agora?”, mas sim “como vamos deixar de ser o que somos?”

O dispositivo em Deleuze e Agamben

Como observa Deleuze:

Pertencemos a certos dispositivos e neles agimos. A novidade de um dispositivo em relação aos anteriores é o que chamamos sua atualidade, nossa atualidade. O novo é o atual. O atual não é o que somos, mas aquilo que vamos nos tornando, o que chegamos a ser, quer dizer, o outro, nossa diferente evolução. É necessário distinguir, em todo o dispositivo, o que somos (o que não seremos mais) e aquilo que somos em devir. (DELEUZE, 1990)

É importante ressaltar, ainda, que o dispositivo exerce sua função estratégica, mas não tem, propriamente, um estrategista. Os dispositivos não são construídos de uma hora para a outra, não há um inventor, mas inúmeros. Apesar de responder a uma urgência, os dispositivos são criados e aprimorados por anos. Enquanto existirem, continuarão se transformando.

A invenção dessa nova anatomia política não deve ser entendida como uma descoberta súbita. Mas como uma multiplicidade de processos, de origens diferentes, de localizações esparsas, que se recordam, se repetem ou se imitam, apoiam-se uns sobre os outros, distingue-se segundo seu campo de aplicação, entram em convergência e esboçam gradualmente a fachada de um método geral (FOUCAULT, 2020)

Essa é uma das causas da dificuldade da definição dos dispositivos. Nesse sentido, existe sempre certa dificuldade em cartografá-los (DELEUZE, 1990), pois envolvem: “Pequenas astúcias, dotadas de um grande poder de difusão, arranjos sutis, de aparência inocente, mas profundamente suspeitos, dispositivos que obedecem a economias inconfessáveis, ou que procura coerções sem grandeza” (FOUCAULT, 2020 p.136)

Deleuze em seu texto, "O que é um dispositivo?", procura fazer uma análise transversal de todas as fases de Foucault já apresentadas.. Deste modo, “as três grandes instâncias que Foucault distingue sucessivamente (Saber, Poder e Subjetividade) não possuem, definitivamente, contornos definitivos; são antes cadeias de variáveis relacionadas entre si” (DELEUZE, 1990, p.1).

Os dispositivos então são compostos por linhas. São linhas embaralhadas em um grande novelo, amarradas e interligadas entre si. Desemaranhar as linhas de um dispositivo, seria, então, mapear e cartografar “terras desconhecidas, é o que Foucault chama de ‘trabalho em terreno’ (DELEUZE, 1990, p.1).

As primeiras dimensões do dispositivo são as linhas de visibilidade e de enunciação, que representam a primeira fase, a fase do Saber. A pergunta é: Como vejo

aquilo que falo e como falo aquilo que vejo? Os dispositivos são máquinas de fazer ver e de fazer falar.

Sendo assim, cada dispositivo “tem seu regime de luz, a maneira que esta cai, se esvai, se difunde ao distribuir o visível e o invisível, ao fazer nascer ou desaparecer o objeto que não existe sem ela” (DELEUZE, 1990, p.1). A enunciação, por sua vez, consiste em “curvas que distribuem variáveis, e, porque, uma ciência, em um determinado momento, um gênero literário, ou um estado de direito, ou um movimento social definem-se precisamente pelos regimes de enunciação” (DELEUZE, 1990, p.1).

A terceira linha de força não cansa de penetrar todas as coisas e as palavras, ou seja, o poder está em tudo e, sendo assim, integra-se à quarta linha: “Uma linha de subjetivação é um processo, uma produção de subjetividade num dispositivo: ela está para se fazer, enquanto o dispositivo o deixe ou o faça possível. É uma linha de fuga” (DELEUZE, 1990, p.2).

A linha de subjetivação dobra-se sobre si mesma, a subjetividade é uma obra do exterior que se mescla com o interior e forma a subjetivação. Ela “aparece como atualizações das resistências ou da capacidade de mudança” (GIRARDI, 2009, p.2)

Em seu ensaio, “O que é um dispositivo?”, Agamben (2009) pensa o termo como uma adaptação do conceito de positividade proposto por Hegel. Foucault teria descoberto o termo ao ler um ensaio de um grande amigo, que também foi seu professor, chamado Jean Hyppolite. No terceiro capítulo deste ensaio, Hyppolite analisa duas obras hegelianas, das quais só a segunda nos interessa, chamada “Die Positivität der christliche Religion” (A positividade da religião cristã), na qual Hegel opõe duas religiões, a “religião natural” e a “religião positiva”.

A oposição entre natureza e positividade seria então a dialética entre liberdade e coerção, entre razão e história. Uma religião positiva implica, escreve Hegel, “sentimentos que vêm impressos nas almas por meio de uma coerção e comportamentos que são o resultado de uma relação de comando e de obediência e que são cumpridos sem um interesse direto” (AGAMBEN, 2009, p.31). Essa relação comando-obediência não acontece somente no exterior, mas também no interior da alma do fiel:

Não somente uma relação de comando e obediência por meio dos rituais, liturgias ou regras que se impõe sobre o assunto a partir do exterior, mas, e este é o segundo motivo. Funciona a partir do *interior* sobre o fiel, que internaliza como sentimentos atitudes e formas de sua própria autopercepção e autoconsciência, fórmulas e preceitos em que a religião se ‘positiviza’ como instituição. (CHIGNOLA, 2014, p.5)

De fato, nos escritos foucaultianos da década de 60, é possível encontrar com certa frequência a noção de positividade. Nos anos 70, entretanto, pós-maio de 68, o termo dispositivo aparece pela primeira vez no lugar de positividade.

Como observa Agamben (2009), a linguagem é um dispositivo que acompanha os seres humanos desde os primórdios da nossa existência. Porém, se os dispositivos nos acompanham desde o nosso surgimento como espécie, é possível dizer, também, que no mundo contemporâneo não há um momento da nossa vida em que eles não estejam presentes. Essa presença, cada vez mais extensiva e intensiva, leva a profundas indagações e reflexões sobre o próprio significado da nossa condição humana.

Embora, para Agamben (2009, p.40), os dispositivos possam ser identificados por sua capacidade de “...capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”, a flexibilidade do conceito chama atenção, pois: “O sucesso da expressão ‘dispositivos’ deriva antes de sua flexibilidade e transponibilidade para outros objetos e propósitos, do que de uma definição concentrada no foco foucaultiano – garantindo-se, entretanto, a percepção central de “sistema de relações” (BRAGA, 2011, p.9).

Os dispositivos e o campo da comunicação

Após essa breve passagem por Foucault e seus “corolários” (CHIGNOLA, 2014), é hora de analisar os trabalhos que utilizaram o conceito nos congressos da Compós. (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação) na última década (2012 – 2021).

Como método, foi utilizada a análise de conteúdo, teorizada pela francesa Laurence Bardin e na Teoria Fundamentada, que “se propõe a ir mais longe e gerar, a partir da coletânea de categorias recém-compiladas, uma teoria que explique o fenômeno originário daqueles materiais” (ROSSETI; GOULART, 2020). Nesse trabalho, o pesquisador necessita ter certa “sensibilidade teórica” (ROSSETI; GOULART, 2020), para criar conceitos e categorias.

Ao todo, nos últimos 10 anos, foram publicados 1925 trabalhos na Compós, dos quais somente 14 foram utilizados, pois possuíam as palavras “dispositivo” ou

“disposicional” em seu título. O quadro 1 ilustra a proporção de trabalhos úteis em relação ao total de artigos.

Quadro 1 – Proporção entre total e úteis

ANO	TRABALHOS	ÚTEIS	PORCENTAGEM
2012	147	2	1,36%
2013	150	-	-
2014	149	2	1,34%
2015	168	1	0,59%
2016	170	-	-
ANO	TRABALHOS	ÚTEIS	PORCENTAGEM
2017	170	-	-
2018	170	1	0,58%
2019	201	3	1,49%
2020	200	3	1,50%
2021	200	1	0,50%
2022	200	1	0,50%
TOTAL:	1925	14	0,71%

No processo de leitura dos 14 artigos, a palavra dispositivo aparece 668 vezes, sendo que, 565 dessas aparições eram relacionadas direta ou indiretamente relacionadas ao conceito de dispositivo de Foucault. O quadro 2 ilustra como a divisão das palavras se deram em cada ano:

Quadro 2 – Número de palavras utilizadas por ano

ANO	TRABALHOS	CITAÇÕES	ÚTEIS
2012	2	78	48
2013	0	-	-
2014	2	43	23
2015	1	75	59
2016	0	-	-
2017	0	-	-
2018	1	132	128
2019	3	98	87

2020	3	205	188
2021	1	31	28
2022	1	6	4
TOTAL:	14	668	565

Estatisticamente, 84,5% das citações referem-se ao conceito de Foucault, o que é, em certo sentido, curioso e surpreendente. Afinal, entre os artigos analisados, apenas 1 foi descartado por se referir exclusivamente a dispositivos tecnológicos como celulares ou até computadores. A partir da tabela, também, é possível perceber o aumento das ocorrências com o passar dos anos, tanto em número de artigos quanto em número de citações consideradas úteis. Se somados, os anos de 2018 a 2020 tem juntos mais citações do que todos os outros anos somados, além de ter o mesmo número de artigos.

Foram coletados, ainda, dados sobre as instituições que produziram esses artigos, como mostra o quadro 3:

Quadro 3 – Instituições

INSTITUIÇÕES	RECORRÊNCIAS
UNISINOS (Universidade do Rio dos Sinos)	5
UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais)	3
UFG (Universidade Federal de Goiás)	1
UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro)	1
UFSM (Universidade Federal de Santa Maria)	1
UFPE (Universidade Federal de Pernambuco)	1
FBV (Faculdade Boa Viagem) - PE	1
PUCMG (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)	1
UMESP (Universidade Metodista de São Paulo)	1
FEEVALE (Universidade FEEVALE) - RS	1
UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)	1

É importante ressaltar que alguns trabalhos tiveram a participação de pesquisadores (coautoria) de duas instituições diferentes, por isso o número de instituições é maior do que o número de artigos pesquisados.

A partir dessa tabela podemos chegar a alguns dados interessantes. O primeiro deles, é o claro destaque para a UNISINOS e da UFMG nos usos do conceito, e, o outro, a região em que essas faculdades se encontram.

Se somarmos as instituições, chegaremos à conclusão de que, somente no estado do Rio Grande do Sul, temos 7 artigos publicados (5 da UNISINOS; 1 da UFSM; 1 da FEEVALE). Em segundo lugar temos o estado de Minas Gerais, com 4 artigos (3 da UFMG; 1 da PUCMG). O Rio de Janeiro é o terceiro estado com mais artigos publicados, são 2 (1 UFRJ; 1 UERJ).

Foram analisados, também, os eixos temáticos (os GPs) nos quais os trabalhos foram submetidos, prestando atenção às maiores recorrências. As informações estão disponíveis no quadro 4:

Quadro 4 – Eixos temáticos

ANO	EIXO TEMÁTICO	RECORRÊNCIAS
2012	Epistemologia da comunicação	2 (2012; 2018)
2012	Práticas interacionais e linguagens na comunicação	2 (2012; 2015)
2014	Comunicação e experiência estética	2 (2014; 2019)
2014	Comunicação em contextos organizacionais	1 (2014)
2019	Práticas interacionais, linguagens e produção de sentido na comunicação	1 (2019)
2019	Memória nas mídias	1 (2019)
2020	Comunicação e sociabilidade	2 (2020; 2020)
2020	Estudos de jornalismo	1 (2020)
2021	Estudos de comunicação organizacional	1 (2021)
2022	Comunicação, arte e tecnologias da imagem	1 (2022)

A tabela mostra uma dispersão nos GPs que vão desde epistemologia até experiências estéticas. Com o passar do tempo, os eixos das publicações que utilizam o conceito são modificadas, por exemplo, temos um artigo (VIZER, CARVALHO, 2014), submetido no eixo “comunicação em contextos organizacionais”, em 2014, e, 7 anos depois, temos outro trabalho (ALTHEMAN, 2021) no eixo “estudos de comunicação organizacional”. Aparentemente, essa última categoria substituiu a primeira, então, tecnicamente, ambos os artigos se encontram em um mesmo eixo. O mesmo acontece em 2014 (FECHINE; MOREIRA, 2015) e em 2019 (ROSA, SILVA, 2019), com os eixos

“Práticas interacionais e linguagens na comunicação” e “Práticas interacionais, linguagens e produção de sentido na comunicação”, respectivamente.

O quadro 5, por sua vez, indica as palavras-chave utilizadas em cada trabalho, definidas pelo próprio(os) autor(es). As palavras-chave nos ajudarão a compreender as 5 categorias nas quais os artigos foram encaixados.

Quadro 5 – Recorrência das palavras-chave

PALAVRAS-CHAVE	RECORRÊNCIA
Dispositivo(s)	13
Arranjos disposicionais	3
Interação	2
Dispositivos interacionais	2
Epistemologia da comunicação	1
Exogenia	1
Performance	1
Rock	1
Confronto	1
Filosofia da Cultura	1
Comunicação	1
Dispositivo de socioanálise	1
Intervenção	1
Transmídiação	1
Cultura participativa	1
Michel Foucault	1
Memória	1
Testemunho	1
A sirene	1
Produção discursiva	1
Totemização	1
Estética e política	1
Insurgência secundarista	1
Midiatização	1

Religião	1
Biopotência	1
Interseccionalidade	1
Crítica midiática	1
Dispositivos críticos	1
Jornalismo	1
Vulnerabilidade	1
Crise de Imagem	1
Fotomontagem	1
Anticolonialidade	1
Fabulação	1

Ao analisar esse quadro, encontramos algumas informações importantes. Em primeiro lugar, o conceito dispositivo ocupa 29,5% do total de palavras-chave. Em segundo lugar, a palavra comunicação, por exemplo, só apareceu uma vez entre todas as 44 palavras-chave, representando 2,27% do total. A epistemologia, que é o eixo temático de pelo menos 2 artigos, também só conta com uma aparição. Enquanto isso, a palavra “interação”, somada ao conceito de “dispositivo interacional”, teorizado por José Luiz Braga (BRAGA, 2011), aparece 4 vezes, representando um total de 9%.

As palavras-chave auxiliaram na criação das categorias nas quais os artigos foram agrupados, mas, por haver um número muito pequeno de artigos que usam o dispositivo de Foucault, em relação ao total de artigos publicados, não foi possível criar nenhuma “macrocategoria”. Por isso, foram criadas apenas 5 categorias que englobam todos os trabalhos encontrados e analisados. No quadro 6 realizamos essa divisão:

Quadro 6 - Categorias

CATEGORIAS	ARTIGOS	PORCENTAGEM
Discurso	5	35,7
Epistemologia	4	28,5
Corpo	3	21,4
Memória	2	14,2

Antes de partir para a análise detalhada de cada categoria, é preciso salientar que elas estão inter-relacionadas devido à própria flexibilidade de seu uso na Comunicação, como foi observado por Braga (2011). Diante disso, alguns artigos foram classificados, em um primeiro momento, em duas categorias diferentes, e, somente com uma leitura mais atenta, que a separação pode ser feita por completo.

A categoria *Discurso* congrega artigos que abordam os discursos realizados em mídias sociais (FECHINE; MOREIRA, 2015); por figuras extremamente relevantes como o papa Francisco (SBARDELOTTO, 2020); ou até por instituições no gerenciamento de crises.

Uma das dimensões do dispositivo, trabalhada por Deleuze, é justamente a dimensão de enunciação (DELEUZE, 1990). Essa categoria aborda artigos que olham para os discursos em torno de campos específicos, como o do jornalismo (COELHO, 2020).

Diferente da categoria *Discurso* que analisa o poder dos enunciados, na categoria *Epistemologia*, foram incluídos trabalhos que, como o nome já diz, utilizam o dispositivo para analisar o próprio campo comunicacional. No artigo de Luiz Signates, intitulado “DA EXOGENIA AOS DISPOSITIVOS: Roteiro para uma teorização autônoma da comunicação” (2012), o autor aborda justamente o perigo de se apropriar de conceitos externos ao campo para analisar a comunicação e acabar deixando de lado a comunicação em si. Seu texto estuda as “possibilidades de superação da exogenia teórica no campo da comunicação” (SIGNATES, 2012).

Na categoria *Corpo*, estão agrupados os artigos que estudam a relação do dispositivo com o corpo, e estão relacionadas às produções artísticas e midiáticas contemporâneas. Os trabalhos nessa categoria trabalham com performances em teatros, cinemas ou vídeos com espectadores em telas, palcos ou plateias (ALTHEMAN, 2014); com shows de rock e a maneira como fazem o corpo atingir limites e incorporar o próprio estilo musical em seu comportamento (SILVEIRA, 2014); e com “potencialidades estéticas dos corpos insurgentes que tomam os espaços como forma de resistência política e comunicativa” (ALTHEMAN, 2019)

Por último, na categoria *Memória*, estão reunidos os trabalhos que estudam como os discursos e os dispositivos conseguem preservar ou até mesmo criar uma memória coletiva. Um dos trabalhos trata, por exemplo, do acionamento de memórias da tragédia de Mariana, analisando textualidades de “natureza memorialística” no jornal *A Sirene*

(BRUCK, VARGAS, 2019). Outro artigo estuda como as fotomontagens da artista maranhense Gê Viana, espalhadas pelos muros em forma de colagens e lambe-lambes “constituem um dispositivo que, ao interferir e adulterar imagens de arquivo, constroem memórias de futuro e conjuram o trauma colonial” (GONÇALVES, 2022)

Considerações finais:

O estudo teve como objetivo mapear e cartografar o conceito de dispositivo dentro do campo da comunicação, utilizando como base os trabalhos publicados na última década (2012 – 2022) na Compós (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em comunicação).

Havia uma expectativa inicial de encontro de um número muito mais significativo de publicação com o conceito. Não foi o caso. A quantidade de trabalhos que o utilizaram, com relação ao total de artigos desses últimos 10 anos, foi de menos de 1%. Mesmo assim, quando utilizado, o conceito apresentava uma dispersão quanto à sua abordagem e quanto ao Eixo/Grupo de Pesquisa ao qual foi submetido. Algumas instituições parecem ter um foco maior em Foucault, como no caso da UNISINOS, que representa 29,4% do total, seguida pela UFMG, que representa 17,6% das instituições.

A maioria dos textos fez uma abordagem comum (e esperada) que consiste em uma breve introdução sobre o tema, a definição do conceito e, após isso, a aplicação dele. No entanto, vale ressaltar que nem sempre a definição ocorre, indicando certo uso sem controle do conceito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó SC: Argos, 2009. Capítulo “O que é um dispositivo”

ALTHEMAN, Francine. VULNERABILIDADES E ARRANJOS DISPOSICIONAIS EXPOSTOS EM SITUAÇÕES DE CRISE: o episódio de racismo no Carrefour. In: ANAIS DO 30º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2021, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2021/trabalhos/vulnerabilidades-e-arranjos-disposicionais-expostos-em-situacoes-de-crise-o-epis?lang=pt-br>>. Acesso em: 26 jun. 2023.

ALTHEMAN, Francine. "Bololô, vamô ocupar": estética e política nos arranjos disposicionaisda insurgência secundarista. In: **ANAIS DO 28º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2019, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/bololo-vamo-ocupar-estetica-e-politica-nos-arranjos-disposicionaisda-insurgencia?lang=pt-br>>. Acesso em: 28 jun. 2023.

BRAGA, José Luiz Warren Jardim Gomes. Dispositivos interacionais. In: **ANAIS DO 20º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2011, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Campinas,

Galoá, 2011. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2011/trabalhos/dispositivos-interacionais?lang=pt-br>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

BRAGA, José Luiz Warren Jardim Gomes. Interagindo com Foucault - os arranjos posicionais e a Comunicação. In: **ANAIS DO 27º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2018, Belo Horizonte. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2018. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2018/trabalhos/interagindo-com-foucault-os-arranjos-disposicionais-e-a-comunicacao?lang=pt-br>>. Acesso em: 28 jun. 2023.

BRUCK, Mozahir Salomão; SILVA, Herom Vargas. Narrativas da memória como dispositivo: A Sirene e a luta contra o esquecimento da tragédia do Fundão. In: **ANAIS DO 28º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2019, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/narrativas-da-memoria-como-dispositivo-a-sirene-e-a-luta-contr-o-esquecimento-d?lang=pt-br>>. Acesso em: 28 jun. 2023.

COELHO, Dionatas Alisson. Dispositivos de crítica jornalística na esfera pública em rede. In: **ANAIS DO 29º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2020, Campo Grande. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2020. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2020/trabalhos/dispositivos-de-critica-jornalistica-na-esfera-publica-em-rede?lang=pt-br>>. Acesso em: 28 jun. 2023.

CHIGNOLA, S. Sobre o dispositivo: Foucault, Agamben, Deleuze. **Cadernos IHU ideias**, Rio Grande do Sul, v. 12, n. 214, 2014

GIRARDI JÚNIOR, L. Bourdieu e Foucault: entre dispositivos e disposições. In: **XIV Congresso Brasileiro de Sociologia** – 2009. 2009, Rio de Janeiro. Sociologia: consensos e controvérsias

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2019

DELEUZE, Gilles. **¿Que és un dispositivo?** In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, pp 155-151.

FACHINE, Yvana; MOREIRA, Diego Gouveia. Dispositivo midiático de participação nas interações transmídias: explorando o conceito a partir das ações da Rede Globo. In: **ANAIS DO 24º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2015, Brasília. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2015. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2015/trabalhos/dispositivo-midiatico-de-participacao-nas-interacoes-transmidias-explorando-o-co?lang=pt-br>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis RJ: Editora Vozes, 2020

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022

GIRARDI JÚNIOR, L. Considerações sobre a Enunciação em Foucault e Bakhtin. In: GP Teorias da Comunicação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa da Intercom, evento componente do **XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – 05 a 09/09/2016

GOMES, Fernanda de Oliveira. Os dispositivos e os bons encontros: presenças e relações performáticas em produções contemporâneas. In: **ANAIS DO 21º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2012, Juiz de Fora. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2012. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2012/trabalhos/os-dispositivos-e-os-bons-encontros-presencas-e-relacoes-performaticas-em-produc?lang=pt-br>>. Acesso em: 28 jun. 2023

GONÇALVES, Fernando. Imagens de-generadas: fotomontagem como dispositivo fabulador anticolonial em Gê Viana. In: **ANAIS DO 31º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2022, Imperatriz. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2022. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/imagens-de-generadas->

fotomontagem-como-dispositivo-fabulador-anticolonial-em-ge?lang=pt-br>. Acesso em: 28 jun. 2023

GUIMARÃES, Pâmela Silva. Dispositivo interacional, interseccionalidade e biopotência: Nath Finanças, entre a autovalorização e promoção da precariedade. In: **ANAIS DO 29º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2020, Campo Grande. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2020. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2020/trabalhos/dispositivo-interacional-interseccionalidade-e-biopotencia-nath-financas-entre-a?lang=pt-br>>. Acesso em: 28 jun. 2023.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011

ROSA, Ana Paula da; DA SILVA, Breno Inácio. Dos múltiplos arranjos disposicionais à disputa dos sentidos: a leitura de um caso midiaticizado. In: **ANAIS DO 28º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2019, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/dos-multiplos-arranjos-disposicionais-a-disputa-dos-sentidos-a-leitura-de-um-cas?lang=pt-br>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

SBARDELOTTO, Moisés. Da pessoa ao processo: a emergência do “dispositivo-Franciscus”. In: **ANAIS DO 29º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2020, Campo Grande. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2020. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2020/trabalhos/da-pessoa-ao-processo-a-emergencia-do-dispositivo-franciscus?lang=pt-br>>. Acesso em: 28 jun. 2023.

SIGNATES, Luiz Antonio Freitas. Da exogenia aos dispositivos: roteiro para uma teorização autônoma da comunicação. In: **ANAIS DO 21º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2012, Juiz de Fora. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2012. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2012/trabalhos/da-exogenia-aos-dispositivos-roteiro-para-uma-teorizacao-autonoma-da-comunicacao?lang=pt-br>>. Acesso em: 28 jun. 2023.

SILVEIRA, Fabrício Lopes da. Show de rock como dispositivo de confronto. In: **ANAIS DO 23º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2014, Belém. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2014. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2014/trabalhos/show-de-rock-como-dispositivo-de-confronto?lang=pt-br>>. Acesso em: 28 jun. 2023.

VIZER, Eduardo A; CARVALHO, Helenice. Socioanálise comunicacional como dispositivo de análise diagnóstico e intervenção. In: **ANAIS DO 23º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2014, Belém. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2014. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2014/trabalhos/socioanalise-comunicacional-como-dispositivo-de-analise-diagnostico-e-intervencao?lang=pt-br>> Acesso em: 26 jun. 2023.